

ESCRIVIDÃO NOS ESTADOS UNIDOS

Jane Landers

Universidade de Vanderbilt

Olá, sou Jane Landers do Departamento de História da Universidade de Vanderbilt, e também a Diretora do programa de raça, desenvolvimento e desigualdade social de FIPSE/CAPES. Estamos trabalhando hoje para criar um currículo que compare o Brasil e os Estados Unidos, e meu trabalho hoje é falar sobre os primórdios da história dos africanos no lugar que se tornou o território dos Estados Unidos. Basicamente tentarei complementar minha colega Joelle Hasse, que fez a parte brasileira. A maior parte dos americanos, se perguntados, colocariam o começo da história dos africanos nos Estados Unidos no ano de 1619, quando nove escravos africanos desceram de um navio em Jamestown, Virgínia. A maioria dos textos americanos ainda usam essa data, e até um novo projeto de museu está sendo desenvolvido em torno desse conceito. Sou treinada em história Hispano-americana, e o que gostaria de falar hoje é que a história dos africanos no que se tornaria o território americano data de pelo menos um século anterior a isso, e não começou com escravos africanos, mas com pessoas livres que se juntaram a algumas das primeiras expedições que adentraram o território posteriormente conhecido como Estados Unidos. O primeiro africano de que se tem conhecimento ter chegado aos Estados Unidos foi Juan Garrido, que veio na expedição de Juan Ponce de León ao Caribe em 1513, e explorou até a Flórida e o sudeste.

Toda expedição subsequente de exploradores espanhóis também incluíram africanos livres, e começaram a incluir africanos escravos, também, então podemos datar a história dos africanos nos Estados Unidos ao menos um século antes do que os textos didáticos revelam. O grande grupo de escravos africanos que veio ao território que se tornou os Estados Unidos chegou em 1526, no que é hoje a Carolina do Sul e era um povoamento conhecido como San Miguel de Gualdape. Esse povoamento não foi bem sucedido, e foi arruinado pela doença e fome, e pela revolta de escravos indígenas e africanos que se juntaram na rebelião, assim essa foi a primeira ocasião a qual conhecemos uma resistência nos Estados Unidos por africanos escravos, e eles se uniram com os indígenas da comunidade, escaparam para viver entre eles, e então eles tiveram uma história mais longa do que muitos povoamentos nos Estados Unidos. Não sabemos o que aconteceu com eles, mas eles

seriam os primeiros *Maroons*, ou *Cimarrones*, escravos fugidos neste território. Agora, no princípio, havia muito poucas pessoas de cor nos Estados Unidos. Uma vez que o povoamento começou—perdão, arruinei totalmente essa linha de pensamento. Poderia recomeçar?

O primeiro africano que se tem conhecimento a vir ao território que se tornaria os Estados Unidos foi Juan Garrido, um homem que acompanhou as explorações de Juan Ponce de León em 1513. Sabemos que ele viajou em direção ao sudeste, e temos muitas imagens dele que vieram até nós através de imagens aztecas, ele chegou no México com Cortéz posteriormente, e ajudou a derrotar o grande império. Meu argumento é que muitos dos africanos foram exploradores no começo. O primeiro grupo maior de escravos africanos a chegar no que se tornou os Estados Unidos veio em 1526 ao que é hoje a Carolina do Sul, mas lugar que os espanhóis chamavam de San Miguel de Gualdape. Aquele povoamento não prosperou, como muitos outros povoamentos ingleses posteriores, e foi arrasado pela doença, pelo mau-tempo e por um mau planejamento, e eventualmente por uma revolta indígena na qual muitos africanos participaram. Esse foi o primeiro conhecido exemplo que temos do que se poderia chamar uma longa história de resistência à escravidão nos Estados Unidos, e começou em 1526. Os indígenas partiram com os africanos e não sabemos o que aconteceu com eles, mas eles tomaram parte nos primeiros povoamentos nos Estados Unidos. O primeiro povoamento espanhol que realmente ocorreu no território que se tornaria os Estados Unidos apareceu apenas em 1565 em San Augustine, de la Florida, Santo Agostinho, Flórida. Pedro Menendez de Avilés, que fez o povoamento extirpou ou massacrou, em outras palavras, os Huguenotes franceses que tinham tentado estabelecer uma colônia no mesmo lugar, e isso fez parte da longa disputa e troca de armamentos dos Protestantes-Católicos que se desenvolveram na Flórida e no Brasil quase ao mesmo tempo. Pedro Menendez de Avilés trouxe muito poucos escravos com ele, e portanto este povoamento deve ser considerado o que Ira Berlin denominou “uma geração privilegiada de escravos.” Essa foi uma sociedade com alguns escravos, mas não uma sociedade escravocrata, e tomaria muitos anos para que uma grande população de escravos africanos se estabelecesse no sudeste. Pedro Menendez de Avilés foi um agente espanhol, um administrador espanhol, e trouxe com ele idéias escravocratas que datavam da Idade Média, e eram baseadas na lei da escravidão romana. Foi denominada as *Seite Partidas*, e por lei, havia muitos modos em que um indivíduo podia se tornar um escravo: ao ser vendido como

escravo, ao ser capturado numa guerra justa, ou ao vender-se a si próprio como escravo. Outros poderiam ter sido condenados por crime. Meu ponto é que muitas pessoas tornaram-se escravos, não apenas por ter descendência Africana. Havia escravos brancos, escravos ciganos, escravos muçulmanos, escravos das Ilhas Canárias, e nas Américas, as primeiras pessoas escravizadas foram realmente os indígenas. Os africanos viriam a fazer parte do grupo escravizado, porque muitos indígenas morriam de doenças e, como as pessoas precisavam de mão-de-obra, os escravos foram trazidos da África para trabalhar primeiramente com o açúcar, que era o que eles já faziam na costa africana, na costa das ilhas do Atlântico. Assim desde o começo da história da escravidão nos Estados Unidos, a Espanha desenvolveu um sistema dual de escravidão. Havia alguns escravos que ocupavam posições consideravelmente confortáveis nas cidades do Império Espanhol, e eles podiam ser encontrados em todas as principais cidades espanholas, e até mesmo naquelas secundárias como Santo Agostinho. Eles geralmente faziam trabalhos artesanais, eram alfaiates ou sapateiros, carpinteiros, maçons. Eram empregados domésticos, vaqueiros, e também formavam parte das primeiras milícias de toda comunidade espanhola. Isso é algo que não encontraríamos comumente em outras colônias inglesas, francesas e holandesas. Além disso, por causa de *Seite Partidas* que mencionei anteriormente, havia muitos meios pelos quais os escravos podiam se libertar e se tornar cidadãos livres em suas comunidades. Você podia comprar sua própria liberdade. Podia ir a um tribunal de justiça e contestar sua condição de escravo, e podia ser libertado pelo Estado através de algum serviço meritório tal como a milícia que eu mencionei. Porque os primeiros povoamentos espanhóis estavam sempre sitiados por soldados ingleses, franceses e holandeses, e por nações indígenas em toda a América, o exército precisava sempre de soldados e sempre havia posições importantes para as milícias negras em todas as Américas, incluindo onde é hoje os Estados Unidos. Esta situação muda de certa forma em 1670, quando os ingleses começaram a estabelecer os primeiros povoamentos no que é a Carolina do Sul. Um grupo de negociantes de escravos e plantadores de Barbados chegou a Carolina com idéias muito diferentes sobre a escravidão, e com idéias muito diferentes sobre os africanos. Eles desenvolveram uma idéia denominada “escravidão de bem móvel”, cujas pessoas escravizadas eram quase sempre africanas; originalmente havia alguns indígenas escravizados pelos ingleses, mas os últimos vieram a depender rapidamente dos africanos como sua população escrava. Os ingleses queriam total separação e uma situação permanente, enfim ter um abastecimento de mão-de-obra que pudessem utilizar em suas

vastas plantações de açúcar, de anil e arroz, assim a “escravidão de bem móvel” representava uma idéia em que o escravo não tinha direito a humanidade, era tal qual uma peça de propriedade móvel, uma cadeira, uma mesa, qualquer item pessoal. Essas pessoas eram escravizadas perpetuamente e tinham de seguir a condição de suas mães. Se a mãe era escrava, a criança era também escrava e não havia nenhum escapatória ou esperança, então havia desde aquele momento diferentes sistemas de escravidão em competição na costa Atlântica dos Estados Unidos. Os espanhóis ocuparam a porção sul, do Atlântico até o Pacífico, e os ingleses tinham povoamentos da Carolina do Sul até o norte, e dois diferentes sistemas de escravidão coexistiam. Como você deve imaginar, os africanos rapidamente descobriram as diferenças entre estes dois sistemas, e desde quase o primeiro dia que os ingleses chegaram à Carolina do Sul, os escravos começaram a fugir para unirem-se a nações indígenas ou, uma vez que entenderam o sistema, a fugirem para o sul para juntarem-se aos espanhóis que residiam na Flórida. Havia basicamente um sistema de comunicação entre os escravos, os indígenas e africanos que iam e vinham entre essas colônias nas décadas posteriores falavam da possibilidade de tornarem-se livres na Flórida espanhola, e juntarem-se às milícias, de terem propriedades, de unirem famílias que foram uma vez separadas pela escravidão, e logo os espanhóis descobriram como tirar vantagem política disso, dando as boas-vindas aos fugitivos das plantações britânicas na Carolina. Faziam-no de duas formas. Uma, utilizando-se de práticas medievais que mencionei, os códigos de escravidão que não tinham sido nunca associados à escravidão com uma só raça. A outra, na tradição cristã de acolher aquelas pessoas que buscavam a conversão à fé católica, e se nos recordamos, os católicos e os protestantes eram extremamente competitivos em questões religiosas na Europa e também nas Américas, e também em questões territoriais. Então essa competição entre os ingleses e os espanhóis no território que se tornou os Estados Unidos criou quase um século e meio de grande violência e conflito no qual ambos escravos africanos e nações indígenas foram dissimados. Era violento e difícil, mas também se criava um espaço de manobra para os africanos naquela competição e eles podiam pôr os europeus uns contra os outros, e buscar a melhor vantagem política naquilo. Na maioria dos casos, isso significava fugir para o lado dos espanhóis. Tantas pessoas se bandearam para o lado dos espanhóis em princípios do século XVIII que eles decidiram estabelecê-las em uma cidade própria, ao norte de Santo Agostinho, na Flórida, chamada Gracia Real de Santa Teresa de Mose. Muitos documentos referem-se a esta apenas como Mose. A base para estabelecer-se uma cidade negra livre

foi um decreto do rei espanhol de 1693 que percebeu o problema dos fugitivos, dos ingleses que ficavam furiosos com as fugas e exigiam o retorno dos fugitivos, e o rei espanhol decretou em 1693 que ele libertaria todos os escravos fugidos das colônias inglesas que quisessem se tornar católicos, bons súditos espanhóis e se juntar na defesa de suas comunidades. Assim este decreto, que foi estabelecido por causa dos escravos fugidos da Carolina do Sul para a Flórida espanhola, foi posteriormente estendido para o Caribe, e logo tivemos escravos fugindo das colônias holandesas para as colônias espanholas, das colônias francesas para as colônias espanholas e de muitos lugares do caribe inglês para outros lugares espanhóis, assim alguns escravos fugidos tiveram um importantes impacto político no começo do desenvolvimento da escravidão no Caribe e nos Estados Unidos. Agora, muitos dos escravos, como falei, tinham a oportunidade de fugir para as cidades espanholas e requerer sua liberdade. Outros, entretanto, pensaram que era mais vantajoso fugir para as comunidades *Maroon*, e explicarei o termo, embora esteja certa que este já lhe é familiar. *Maroon* é uma palavra derivada de *Cimarron*, uma palavra espanhola que significa fugitivo. Todos os impérios tiveram resistência escrava, e você pode achar essa palavra no holandês e no francês, mas os *maroons* eram pessoas que fugiram da escravidão para instalarem-se em esconderijos muito remotos nas montanhas ou pântanos ou florestas, e tentaram recriar comunidades livres, à parte das européias, à parte das espanholas que os haviam recebido de braços abertos. O Brasil teve, é claro, a maior experiência de comunidade *maroon*, a famosa Palmares, que durou mais de um século no norte do Brasil. Essas comunidades nos Estados Unidos, as comunidades *maroon* no grande e lúgubre pântano—a qual George Washington escreveu, as comunidades maroon no rio Savanna, ou nos pântanos Appalachiicola e a oeste de La Couches na Flórida, nunca alcançaram a grande escala que alcançou Palmares, mas todas as tentativas de eradicá-las foram infrutíferas. A costa da Geórgia, da Carolina do Sul e da Flórida foram realmente muito semelhantes e tinham os mesmos tipos de habitantes: os plantadores que queriam cultivar arroz e anil, e os escravos africanos que vieram principalmente da região do Congo angolano, assim você pode considerá-la uma única área ecológica e cultural. Agora estamos achando nessas comunidades, através de escavações arqueológicas e investigações históricas, que muito da cultura africana se manteve, ainda que as pessoas tivessem pensado anteriormente que ela havia sido erradicada. Um dos meus objetivos é tentar mudar muitos dos esteriótipos que temos sobre os escravos nas Américas, e mostrar algumas das retenções culturais, das influências culturais, da importante resistência que

ocorreu por muitos séculos, as alianças com os indígenas, os papéis dos cidadãos livres e dos detentores de propriedade que também eram de descendência africana, para mostrar aos estudantes que nem todos foram direto de um navio para a plantação de algodão na Flórida, assim espero que alguns desses estereótipos sejam levados ao debate. Certo. A Flórida espanhola foi o único lugar no qual muitas dessas formas de liberdade puderam ocorrer. Como já mencionei antes, os espanhóis controlavam a porção inteira do sul no que é hoje os Estados Unidos, assim se fomos à Louisiana, ao Texas, à Califórnia, ou a qualquer um desses povoamentos que os espanhóis retiveram, alguns dos africanos foram capazes de participar em defesa da comunidade, enquanto outros poderiam permanecer escravos por toda sua vida. Em outras áreas, onde havia uma ampla população escravizada na América espanhola viemos a ter um tipo muito diferente de escravidão que se assemelhou a “escravidão de bem móvel” que era similar ao sul pré-Guerra Civil. Também gostaria de mencionar que há novos e importantes estudos das populações escravas que chegaram posteriormente ao embargo americano do tráfico escravo em 1808. Depois dessa data, não houve escravos legalmente introduzidos nos Estados Unidos, e as pessoas presumiram que muito da cultura africana e das formas de resistência africanas morreriam uma vez que os africanos deixassem de ser trazidos ao território. Primeiramente, houve muitos africanos que entraram ilegalmente através da Flórida espanhola. A Espanha reteve a Flórida até 1821, e até mesmo posteriormente, muitos escravos entraram ilegalmente pela costa do sudeste que era difícil de patrulhar. As interdições britânicas e americanas aos navios negreiros não conseguiram parar o fluxo de africanos para os Estados Unidos, e então penso que precisamos reconsiderar os traços culturais dos africanos para muito além de quando pensamos que eles cessaram. Muitas das pessoas que vieram e fugiram imediatamente, fugiram para o lugar que se tornou a nação Seminole, e os Estados Unidos terminaram lutando três longas, sangrentas e custosas batalhas na guerra Seminal, três delas nas quais os negros tiveram alguns dos mais importantes papéis militares e políticos na resistência. Deste modo, espero que esta discussão tenha nos distanciado do tipo de imagens tradicionais que poderíamos realizar quando vemos filmes como O VENTO LEVOU ou séries de televisão como RAÍZES, ou uma produção mais recente como AMISTAD, para afirmar que houve outras possibilidades para os africanos no território que se tornou os Estados Unidos. Estamos mais familiarizados com a escravidão anterior à Guerra Civil, desta forma eu não dediquei muita atenção a isso. Queria cobrir os primórdios da história africana nos Estados Unidos e mostrar que foi uma experiência com variantes. Algumas vezes muito

difícil, outras muito cruel, ainda outras consideravelmente confortável em termos de uma existência na fronteira em que muitos viveram naqueles povoamentos iniciais, e que era uma situação de mobilidade social na qual os escravos não sentiam as limitações que posteriormente sentiriam sob um sistema escravocrata de bem móvel.

Um dos primeiros estudiosos a verdadeiramente escrever sobre o comércio ilegal de escravos que se estabeleceu nos Estados Unidos foi W.E.B. DuBois, o pesquisador educado em Harvard que escreveu maravilhosos relatos do comércio da Flórida no que se tornou o sul pré-Guerra Civil. Ele apontou uma direção a qual ninguém realmente prestou atenção, mas agora que estamos usando mais fontes espanholas, somos realmente capazes de ver que o comércio escravo foi além do embargo dos Estados Unidos em 1808 e houve muitos mais africanos que foram importados para os Estados Unidos após aquele período. De fato, é após 1810 que a verdadeira africanização das diversas partes do sul dos Estados Unidos começa. As pessoas viram os potenciais lucros quando os comerciantes de escravos e plantadores dos Estados Unidos sentiram que talvez não tivessem mais acesso a escravos. Os preços subiram e as pessoas estavam dispostas a correr riscos no comércio ilícito para obterem grandes lucros. O lugar no qual podiam trazer escravos ainda legalmente era a Flórida espanhola, que era outra nação do outro lado do Rio Santa Maria na Geórgia. A Geórgia tornou-se o porto sulista mais procurado dos Estados Unidos e muitos navios atracaram lá. O Presidente James Monroe enviou navios da marinha americana para lá a fim de tentar dar um término ao comércio ilegal o qual DuBois tinha escrito. Um dos jovens capitães que estava num navio da Marinha chamado “The Saranac” descreveu em termos lamentáveis as condições de alguns escravos que foram resgatados quando os navios negreiros ilegais foram capturados. Um destes navios havia navegado pelo o que denominavam “costa da febre”, e dos mais de 100 indivíduos que foram retirados da Costa da Guiné naquele ano, somente uns 20 chegaram à Flórida, havendo eles sofrido daquela febre da costa.

O Capitão Elton do U.S. Saranac descreveu algumas das lamentáveis cenas que ele testemunhou quando resgatou os escravos. O navio negreiro Sovena foi varrido pela febre da costa e somente 25 dos 118 africanos que foram capturados na costa da Guiné chegaram com vida à Flórida. “Todos muito jovens, não ultrapassavam os 15 anos de idade. O capitão deu-lhes cobertores, mas muitos mais morreram durante a noite.” Ele disse então: “Um maior

número provavelmente terminará sua miserável existência antes do nascer do sol.” Ironicamente, as tentativas de dar um fim ao comércio ilícito de escravos pelos navios navais americanos e britânicos provocaram um recrudescimento do número deste comércio ilegal de escravos, e provavelmente também pioraram as condições nas quais eles eram trazidos aos paíes. Finalmente, em 1819, as pressões do governo dos Estados Unidos para adquirir a Flórida espanhola tornaram-se tão grandes e as rebeliões que interrompiam os esforços espanhóis em controlar os territórios ao longo dos Estados Unidos e das Américas foram tão grandes, que os espanhóis decidiram desistir da Flórida. Em 1819, John Adams assinou o Tratado Adams-Onese que iria eventualmente, no período de dois anos, ceder a Flórida aos Estados Unidos. Em 1821, a Espanha deixou a Flórida e a Flórida tornou-se um território dos Estados Unidos. Os Estados Unidos já tinham adquirido a Louisiana e logo esta parte do país começaria a tomar a forma de uma verdadeira sociedade pré-Guerra Civil, a qual estamos muito mais familiarizados. Ela tornou-se uma sociedade escravocrata, não somente uma sociedade na qual havia escravos. Foi naquela época que o algodão foi introduzido à medida que plantadores americanos invadiram os novos territórios da Flórida e eles também iriam introduzir o sistema escravidão de bem móvel que tinham desenvolvido e solidificado na Géorgia, Carolina do Sul, e outras partes do sul dos Estados Unidos. Então as áreas do país que uma vez exibiram diferentes tipos de escravidão se transformaram nas imagens que vemos na mídia popular sobre o mundo pré-Guerra Civil. Os últimos africanos livres a saírem com os espanhóis foram transportados para Cuba, onde começariam suas vidas novamente livres em Cuba e onde puderam rastrear suas histórias familiares após haverem deixado o país. Outros escravos continuaram a fugir para a grande nação Seminole no interior da Flórida, onde o governo dos Estados Unidos lutou três longas, árduas e sangrentas batalhas para tentar reduzir os Seminoles e enviá-los ao oeste. Os africanos estavam entre os mais fortes simpatizantes dos Seminoles, porque eles corriam o risco de perder a liberdade que tinham conquistado naqueles pântanos, e sabiam que se tornariam outra vez escravos e enviados aos campos de plantação de algodão que estavam sendo estabelecidos ao longo da Flórida. Em três longas batalhas, negros e Seminoles lutaram contra o governos dos Estados Unidos até um cessar-fogo. Até hoje, negros livres formam parte da nação Seminole em Oklahoma. Meu objetivo hoje foi discutir alguns dos esforços e a resistência que os africanos se engajaram contra a desumanização da escravidão móvel a qual é mais familiar a nós. Espero que nessa discussão possamos ver que há uma longa história de resistência que data de séculos, uma longa história de aliança com nações

indígenas, uma longa história de agência que acompanhou e não eclipsou outros episódios, mas foi parte da história dos africanos nos Estados Unidos. Muito obrigada.